



A nobres, a plebeus, ricos e pobres,
Surge no mar da vida este recife;
As rosas da illusão aqui lhes calca
Com planta assidua, o conductor do esquite.

Ph. Eduardo Teixeira Mendes

(João de Lemos)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 3\$000
Semestre 1\$500. Trimestre 750, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregado
acresce o importe das despesas

Extrangeiro—Um anno, 3\$600.

Numero avulso, 80 reis

Numero 227

Braga, 3 de Novembro de 1917

Anno V

CAPAS PARA OS COLLECIONADORES DA 'ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA,,

Temo-las já impressas, a 440 réis

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez Successor da Veneravel Irmandade dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clerigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'ete Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

- 1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.
- 2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não sofre de molestia actual, ou habitual (pallavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum

Se o clerigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas d'Oliveira residente na rua de 5 de Outubro, n.º 80 em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Affonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Caselleo, se residir no concelho de Vianna do Caselleo; ao Rev. Padre Manuel do Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parcho de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaca.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissões, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero

**Manuel Clemente
Barbosa & C.^a**

R. de S. Victor n.º 18--BRAGA

Vende livros e objectos religiosos

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos
para o curso dos Lyceus, Commercial e
Instrucção Primaria..

Estampas

para a enthronização do S. Coração de Jesus.
Impressas finamente a duas côres. Cada exemplar, 60 réis.
Pelo correio, 65 rs.

Pedidos á administração dos «ECHOS DO MINHO»
BRAGA

VAGO



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica



Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Velloso

EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Pelxoto.

Braga, 3 de Novembro de 1917

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 226—Anno V



Imagem de Jesus Christo Crucificado. no sector portuguez, intacta no meio das ruinas da povoação X..., apesar de ter cravada na cruz uma granada allemã que não explodiu.

CHRONICA DA SEMANA

A' bocca da urna...

ESTA vida de balburdia e zaragata, tumultuaria de caricaturas, salpicada de comadrios bisbilhoteiros e sulcada, a curtas intermitencias, por crimes de requintada perversão ou por acções d'um bandidismo que nos põe a todos de *Brownings* aperradas contra a cumplicidade dos mandões da coisa publica feitos de gôrra com sicarios desbridados, no dia em que esta chronica fôr lida, vae de novo offerecer o scenario d'umas eleições de cujo resultado, eu começo desde já por suspeitar.

Hontem um amigo desçido das fragas do Alto Douro; quando lhe perguntei se os conservadores davam batalha aos democraticos, reforquiu: Qual carapuça! Padres e leigos atiram-se aos braços do governo e do evolucionismo. Não ha nada, ou melhor ha a eterna bambochata! . . .

Uma terça parte do paiz parece ter effectivamente accordado dado da modorra parvoa em que cahira, ou saltado para fóra da linha de hesitações instavelmente equilibradas em que se comprazia a sorrir a gregos e troianos, recebendo em trôco as vergoadas e os pontapés justiceiros de uns e outros. Mas as restantes duas partes da nossa população, essas, não tenham duvidas, continuam a ser o tampão entre as duas forças que ha sete annos andam desejosas por bater-se, o trambolho empata-vazas que impede, como o lôdo da Flandres, as marchas dos batalhões d'assalto, que se agarra ás botas, que tolhe os braços e (o que é mais) ameaça afascar e afogar bons e maus no olho marinho da sua viscosissima traição e poltronice. São o resumo de todas as podridões recosidas nas grandes visceras do empestante morto vivo lusitano, são afinal o côma publico!

Aqui como na Hespanha, ha uma tremenda falta de civismo, e como lá vejam os senhores que se até agora ainda a veniaga não putrescêra nos commodismos tórpes da maioria, ella já começa, de cima a abaixo, a fornecer casos typicos de suborno e de outras venalidades degradantes. Vendem-se decretos, portarias, licenças, concessões. E o telonio da baixa politicancia, onde farejam na revolta das *luvas* certos antigos pobretainas de dias que hoje atravessam affrontosamente as vias publicas em *autos* riquissimos, compram *chalets* dos suburbios e baforam fumaceiras de vaidades nas ventas do Zé Povo alarve que os ventres lhes enfarta, submisso e esquecido do sobreiro de que pôde lançar mão quando quizer, para tudo varrer de cambulhada!

E ah! então quando eu recordo todo esse anti-christão spectaculo das classes endinheiradas de fresco, todo esse delirio de grandezas, mais doloroso é para mim olhar as faces esqualidas d'esses operarios que noite e dia, sós ou aos grupos, vagabundeiam esmolando, em açovacada voz de rouquidão, apresentando sempre sob a intonsez da barba e do cabello a dominar os angulos do perfil e uns olhos onde parece andar tambem errante, illuminada com um brilho a que as sombras dos supercilios cavados dão o luzir de agua nos poços, uma estranha visão de infortunio, de soffrimento e de fome, tragica como phantasmagorias rubescidas em cerebros de alcoolicos!

Este contraste torna-me ainda mais apavorante a decadencia moral em que rolamos, e mais criminoso o proceder bifronte das massas commodistas. Não ha paiz nem raça que se salve sem civismo, não ha civismo que se nobilite sem moral, não ha moral que apure o cumprimento do dever do cidadão como a christã. Risavam seus preceitos dos quadros do ensino, apendoãram como lemma das consciencias o *cada um faz o que quer*; e eis que esta vida portugueza se volve em marnel onde patinham coachando, as rãs de papo farto, que escorraçaram o rei, e ao contrario das da fabula, não pedem outro ao grande Jupiter . . .

—Porque se rompeu a conjuncção conservadora em X? perguntei outro dia a um amigo que me vinha informar das cautellas necessarias com certo abade dos arredores d'uma cidade do Minho, democratico authenco que passára pelas malhas das auctorisações archiepiscopaes.

—Porque F. (aqui um nome de merceeiro abarrofado) disse ao V. de N. que enfim era monarchico mas que tinha agora os seus interesses commerciaes e por isso votaria co'o governo . . .

E como este, quantos, padres e leigos, impunes das tranquibernias da consciencia, que estão a pedir cajado pelas panças ou báculo pela corôa?

Eu tenho agora na minha frente a figura de certo abbade minhôto, alli d'uma aldeia que o Camillo graciosamente apellidou. E' homem velho. Cumpre regularmente o seu *munus*, mas a face não engana: uns olhos meúdos n'uma cara tostada, uma expressão meio sevêra e meio rábula. Demanda que lhe confiem é ganha ou dá que fazer á parte contraria, pela certa.

Pois, senhores, é vêl'o bradar contra a republica, com o *Dia* na mão, chispando pelos óculos!

Mas em se chegando as eleições, elle ahi monta no bucéphalo e vae á villa saber do influente democratico S. se lhe quér ou não acceitar a carneirada dos votos, sempre ás ordens.

—Mas você afinal ó snr. abbade, vota com os inimigos da Egreja! dizia-lhe eu uma vez meio enojado.

—Que quér, dr., que quér? Dêvo-lhe favores! . . .

Este é afinal um paiz que se redima? Elle vae para umas eleições de cujo resultado—oxalá que me engane!

—eu começo desde já por suspeitar . . .

F. V.

Vida intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

Na diligencia.

SENTI-ME ha dias regressado ao tempo longinquo das romanticas morgadinhas camilianas e passei horas pensando se o meu *ulster* não seria um ingenuo *josesinho* de briche, se as minhas calças não se teriam transformado na pantalona amarella d'um peralta morrendo afunilado no fundo negro d'uma bota lusidia de canhão d'anta. No meu visinho de barbicha vintista, um pacifico, bonacheirão regedor sertanejo, eu transmigrei pomposo, um senhor juiz de fóra, de peruca empoadada e tabaqueira d'esmalte e na sadia companheira do lado, phantasiei uma morgadinha apaixonada, pallida, de mitaines e sainha de ballão e tudo porque tive o bom e o mau gosto de me engaiolar durante cinco longas horas n'uma velha *cafita* de carreira, tirada por trez magros, escanzelados, rocinantes de novella antiga. Os solavancos, o guisallar alegre, o estalar dos chicotes as pragas do cocheiro por que está fiel á regra praguejava sempre, fizeram-me voltar muitos annos atraz.

Sahimos de madrugada. A villoria recatada e sem luz — porque o municipio, em noites de luar não soe jogar á cara do astro deusa, o insulto d'um lampião — dormia ainda. Duas ou tres beatas tresnoitadas passavam cozidas nasombra para as primeiras missas e pelas gretas d'um portal d'alfurja, coavam-se resteas de luz bruxoleante. Soou uma corneta, o meu juiz de fóra escorvou as pistolas, a morgadinha quezilenta benzeuse tres vezes, o cocheiro praguejou e lá fomos ladeira acima. Nevava: Um frio cortante trespassava as carnes, arripiava e na estrada branca, o carroção arrastava-se aos solavancos. Que soberbo luar! Que soberba madrugada! A massa negra dos pinhaes alinhava-se embuçada e longe, dispersas, tremullavam luzernas d'ermida. Em cada sombra, em cada ramalhar d'arbusto sobre a esteira de luar viamos receosos imaginarias quadrilhas, —sonhavamos ciladas e ouviamos metalico, sinistro, o aperrar dos bacarmates, o rangido das escorvas. O cocheiro fallava para dentro. Descera para animar o gado e rememorava collisões, assaltos, apontava os logares de perigo, citava nomes de bandidos, a aparentar de valentaço, lembrando façanhas idas. Ganhamos o valle. Um lençol de neve cobria a terra verde dos prados, o negro revolvido das lavradas do trigo, e nos telhados dos velhos casaes, que se agrupavam por defeza, branqueava tambem, a geada fria d'aquella frigidissima manhã. Vinha amanhecendo. O dia entreabria o seu primeiro sorriso e pouco a pouco as sombras dissipavam-se e as coisas iam tomando forma, despindo-se d'aquella nevoa de irreal, que o crepusculo mantinha.

Cantavam aves madrugadoras nas mattas e devezas e o sol subia já estremunhado e frio. Silvou uma sirene. Brusco, como um tufão passou roncando um monstro, n'um ranger metalico de machinismos, Trememos, tremi indignado e mais me embrenhava na paisagem, mais apreciava o passo arrastado do tiro, que me deixava gosar até ao menor detalhe, aquella paisagem surprehendente e mansa como a pelicula colorida d'um cine. E pensava lamentoso n'aquella vertigem, n'aquella doideira, que não deixava vêr, gosar os encantos, os aspectos, a poesia d'esta boa e ignorada terra portugueza, estas magnificas inennarraveis estradas sertanejas que são todo um poema de pittoresco e de côr. A sirene roncou longinqua n'um estertor e o meu encanto e a minha phantasia, esboroou-se em fumo, sumiu-se como uma linda illusão, bateu azas o meu sonho e deixou-me triste, amargurado, cruel contra a civilisação, a vertigem da epocha, a velocidade infernal, com que a vida se gasta.

E tudo porque me metti n'uma carriola de carreira, dei largas á phantasia e tive a infelicidade de cruzar com um pomposo *Panhard* que me atropellou os sonhos, matou a morgadinha, espatifou-me o meu senhor juiz. . . de fóra, deixou em estilhas o meu agradavel imaginar. E o caso é que gosei recordando, reanimando, o tempo ido e nem pensei nos solavancos, nos encontrões, nos frios da jornada. . . Delicioso afinal! Sem aquelle encontrão nas illusões e no sonho, seria mais uma novella, e mais uma novella de morgadinha. . . Assim. . .

Ganharam os leitores.

SERÕES AMENOS

DE FREY GIL DA SOLEDADE,
EGRESSO DA FALPERRA.

Aventuras do alphabeto

VII



DISSE eu, no serão passado, que o y é uma das mais sympathicas e prestimosas letras que conheço.

Darei hoje razão do dicto.

De sobra sei que o y grego se tem visto grêgo nas linguas novilatinas, especialmente no italiano, espanhol e português, para saber onde ha-de morar. Do italiano, desapareceu: só se topa, sob a protecção de bandeira estranha, nalgum nome exotico. Em Espanha, ainda não ha muito que se reaccendeu a antiga contenda pela expulsão do y... A *Gramática castellana* de Primitivo Sammarti, por ex. baniu-o de todo e escreve *Pedro i Pablo* em vez de Pedro y Pablo. Os defensores do y, precisamente por ser o y uma letra bonita, que quebra com a haste inferior a monotonia da linha, reclamaram a sua conservação. Com prazer vejo que o y grêgo prevalece ainda em Espanha.

Cá, atiraram-se a elle como gato a bofe todos os reformadores da nossa orthographia. Mondaram-no de todas as palavras, não só d'aquellas donde era justo expungi-lo, por não ter direito a morar lá, mas até nas que de juro e herdade lhe cabiam. E querem até alguns que a gente escreva *ino!* Quanto mais não vale o antigo *Hymno*, com o luxo do *h*, do *m* e do *y*—luxo que lembra o passado opulento dêste grande povo! Conservêmo-lo, ao menos como recordação desses aureos tempos! Bem praticos e prosperos são os inglezes, e mais não só conservam o y, mas até o *p* de *tisana*, escrevendo *ptisana* como nos saudosos tempos de Plinio. Para mim, *tisana* sem *p* é como chá sem açúcar!

Mas se antipathizam com o y, lembrem-se do seu prestimo como symbolo. Accomode-se o leitor, sorva uma pitada, e oiça o que passo a ler. São poucas paginas que irei traduzindo de um curioso livro que possuem e se chama tudo isto: *Segunda parte* (nunca pude alcançar a primeira) de(l) *Leon prodigioso, entendimiento, y verdad, amantes philosophicos, para exemplo de lo que se debe amar y de lo que se debe aborrecer, assi em la vida privada como en la publica, su autor el Lic. Cosme Gomez Texada de los Reyes, Capellan Mayor de las Bernardas Descalças, etc, etc, Alcalá, 1673, pag. 188.* Attenção! E' dialogo entre o celebre philosopho Pythagoras e Tiresias, cego e adivinho:

Pythagoras.—Que dia tão alegre é hoje para mim, ó amigo Tiresias, em que os ceus me favorecem com a tua visita.

Tiresias.—Ainda que eu tantas mercês não alcanço da sua liberalidade, alegro-me por te ouvir, e agradeço-te, sabio Pythagoras, o favor.

Pyt.—Sentes muito ser cêgo?

Tir.—Não, porque me conformo com a vontade dos deuses; e embora te pareça que faço da necessidade virtude, duvido se aceitaria a restituição da vista, se me fosse dado escolher; que como algum dos insignes philosophos della se privou, para philosophar livre de phantasticas imagens, que entram por êste sentido, não será isto em mim de todo incrivel.

Pyt.—Eu o creio, pela tua sabedoria e resignação á vontade divina.

Tir.—O mundo jaz num estado tão miseravel que é dôr vê-lo, cordura fugir-lhe.

Pyt.—Tu, pelo menos, Tiresias, livre estás dessa dôr, e eu cêdo sou, porque lhe fujo; que para te ver vim agora a esta praça.

Tir.—E eu para communicar contigo. E, de certo, cada dia me confirmo no meu parecer, que cousas huma-

nas se não governam por Verdade, senão por Opinião. A mim julgam-me os homens cego; a ti, cobarde; eu, porque não vejo; tu, porque fojes; sendo elles os verdadeiros cobardes e cegos. Cegos, porque não seguindo a luz natural, que é a da razão, mas vagueando no confuso cahos de seus tenebrosos apetites, claro está que carecem de vista. Ratos, que sepultados em vida em seus buracos terrestres, estão satisfeitos com o que seu instinto apefece; e ainda essa pouca terra que os alimenta, as não vêem, supposto lhes pareça que sim, pois não se lhes representa como é. Ratos, não Aguias que se levantam a buscar o termo da esphera que sua vista logra alcançar. São também cobardes, pois saindo ao campo com suas paixões, o que é forçoso, por ser nossa vida uma guerra, apenas medem as armas que logo, rendendo-as a seus inimigos, se fazem seus escravos.

Pyt.—E' a natureza do homem inclinada ao mal desde a menice; e conquanto seja isto miseria lamentavel, mais digna de lagrimas é a sua obstinação nos erros, como a experiencia me ensina, embora eu tenha conseguido alguns, e não poucos, bons effectos, reduzindo á Verdade cidades, e até reinos inteiros tyrannizados pela mentira. Para o que me foi de grande importancia a invenção d'aquella admiravel letra, que do meu nome se chamou, e chamará nas edades futuras, *letra de Pythagoras*, por quem dei mil graças a Deus em celebres sacrificios.

Tir.—Folgarei de te ouvir a sua interpretação, que será, entre todas, a mais verdadeira, pois és tu seu auctor.

Pyt.—Com muito gosto o farei; e primeiro convém advertir, que a minha letra não é como commumente se escreve, com os extremos eguaes—y—, mas sim d'esta maneira—y—de modo que os seus dois termos se desigualem, o direito fixo e o esquerdo lubrico e inclinado; como constará da sua declaração. Concorda também com a do Epigramma, que se atribue a Virgilio, no fim de suas obras, que eu noutro epigramma castelhana descrevi e declarei quanto basta á sua intelligencia e é na substancia o mesmo:

La letra de Pythagoras unida
en su raiz, por uno y otro lado
se divide; el siniestro dilatado
con una buelta a lo inferior torcida.

El diestro estrecho es, con tal medida
que en lo alto se estiende no inclinado:
letra, que sola, escrita, es un dechado
y viva imagen de la humana vida.

Un camino seguimos hasta el uso
de la razon; muy facil el del vicio;
arduo el de la virtud montes penetra.

Gloria al estrecho es termino difuso;
el llano se termina en precipicio:
Mercurio de los dos es una letra.

Tir.—Descripção e moralidade estão claras, e conclues bem, fazendo da letra Mercurio, alludindo bem á sua imagem collocada entre um montão de pedras, que aponta o caminho seguro, de muitos que á vista se offercem; assim a tua letra ensina o da vida eterna. E eu approvando tão douto quão util invento, atiro a minha pedra, crescendo o culto em mim, como em todos, veneravel.»

Que o leitor, d'aqui em diante, contemplando aquella haste do Y, com a femivel bifurcação dos caminhos do vicio e da virtude, aprenda a estimar
exemplar e viva imagem da vida humana!

Concerto no salão Bechstein, no Porto

Já reconhecida no meio portuense como uma poderosa organização artística na difficilima arte do piano D. Maria Virginia David acaba de afirmar se tambem uma professora distinctissima com a apre-

sentação d'um grupo de alunas n'um concerto realisado no salão Bechstein no Porto. A concorrência extraordinaria a este concerto foi a prova frisante de quanto o publico esperava já da novel ar-



D. Izaura do Rego Durão



D. Virginia David, professora



D. Carmen Felgueiras



D. Izaura Monteiro



D. Albertina Mendes



D. Gilda Moniz Rebello



D. Alzira Monteiro



D. Maria dos P. Dias Pinto



D. Maria Emilia Grijó



D. Branca Grijó



D. Maria Cristina Mendes



D. Augusta Soares



D. Olivia C. Carvalhaes



D. Gilda e D. Fernanda



D. Angelica Guimarães



D. Maria A. Dias Pinto

fista. O concerto abrindo graciosamente por duas encantadoras creanças que apenas com 7 annos de idade e 4 mezes de ensino surprehenderam o auditorio pela precisão com que executaram uma simples, mas linda peça de Strebrog a 4 mãos; fechou magistralmente pela difficilima peça Veneza e Mapoli Tarantella de Liszo executada com toda a justeza, sentimentalidade e bravura por Mll.^{es} Alzira Monteiro. Além da execução primorosa de todas as alunas o que impressionou vivamente o publico e que é invulgar em festas desta natureza foi a delicadeza de expressão que a distincta professora teve o dom de lhes saber transmitir. A cidade do Porto deve, pois, orgulhar-se de contar mais uma distincta professora de piano aos já muito distinctos professores que possui.



D. Noemia Ccutinho

Os mortos da Pátria

Dia de lucto e de lagrimas é a commemoração dos fieis defunctos; a Santa Egreja, Mãe amorosa, derrama sobre as chammas purificadoras do além-túmulo, as torrentes de graças de que é dispenseira. O Sangue de Jesus é a ablução dos peccados do mundo. Elle é o Cordeiro de Deus, que apaga nas almas, com os Seus meritos, a macula da culpa. E dos altares christãos se levanta pederosa, a voz da Santa Víctima á Justiça divina, impetrando o perdão.

Consonante á supplica de Jesus, com suspiros e lagrimas, acompanhadas de ferventes preces, pedem, os christãos, que a misericórdia de Deus abrevie a provação das almas do Purgatorio. E por-



Cemiterio anglo-portugues na linha de batalha. As cruces brancas, marcam as campas inglezas: as pretas são as cabeceiras dos nossos soldados

ções, as preces commovidas. Dia de lucto e lagrimas.

Chora tambem ó Pátria portugueza, que em extranhas terras dormem o somno da paz, filhos que morreram por Ti. Chora tambem ó velho Portugal, mas enflora de louros e de palmas — palmas immortaes! — as campas dos que morreram pela Pátria.

Não todo o homem morre! Cae na algidez do sepulchro o despojo da materia: o espirito esse libra se ás regiões elevadas onde a Belleza, a Realidade, Deus, enfim, se mostra á

alma em beatifica visão. Não todo o homem morre. Só os mausoleus dos pagãos fallam em sombras e trevas; as campas dos christãos, (e cemiterio quer dizer dormitorio), essas fallam de luz, fallam de consolação. «Creio que o meu Redemptor vive, e que na minha propria carne verei o meu Salvador.»

Dia de lucto e de lagrimas! Mas só a Religião derrama nas almas dos que choram a consolação da esperanza numa vida melhor. Só ella! porque só ella pôde repetir as palavras de Jesus; —



Imagem de N. Senhora das Trincheiras, tirada de uma capella destruida, para o cemiterio portuguez.

que tantos fieis vae ceifando impiedosa a guerra, Bento Quinze concedeu a todo o mundo o privilegio até agora só portuguez e hespanhol, de celebrar-se tres missas nesse dia.

Dia de lucto e lagrimas. E e saudade brota em torrentes de pranto, e em nossos cemiterios echoam as ora-

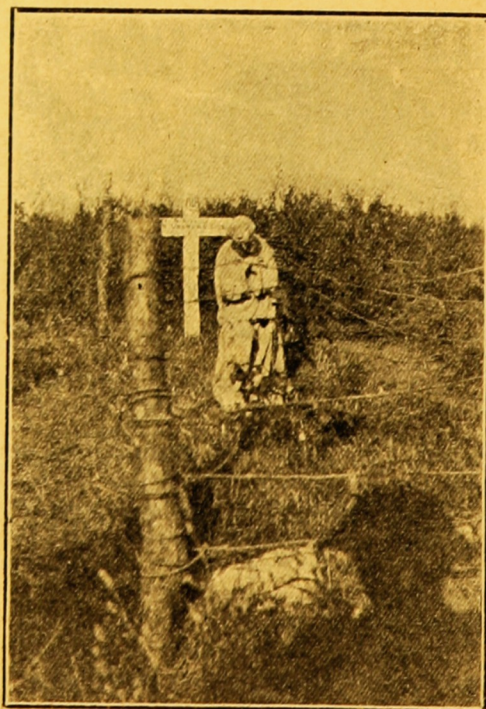
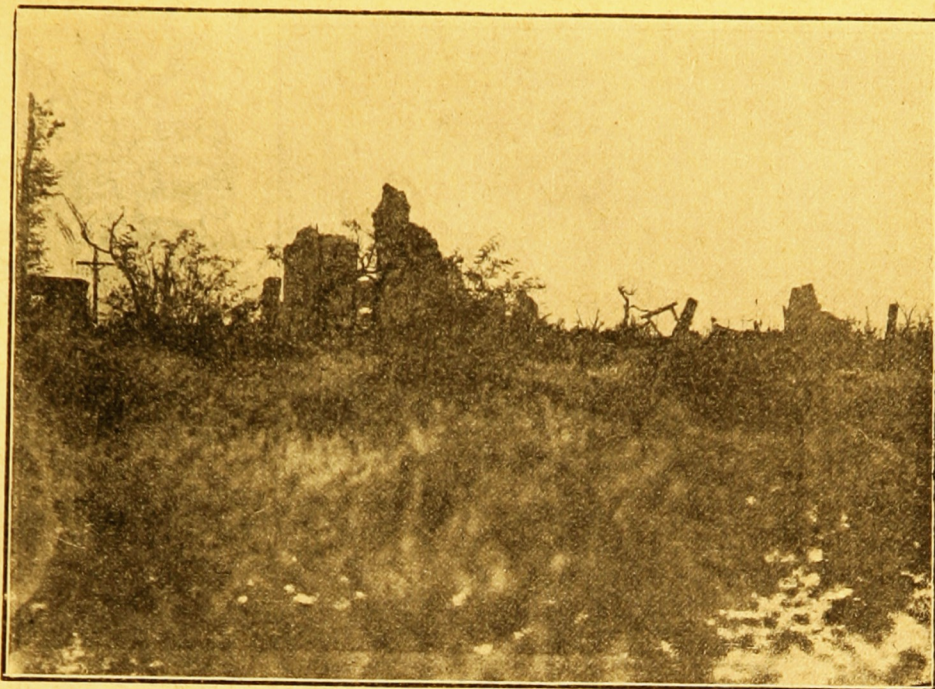


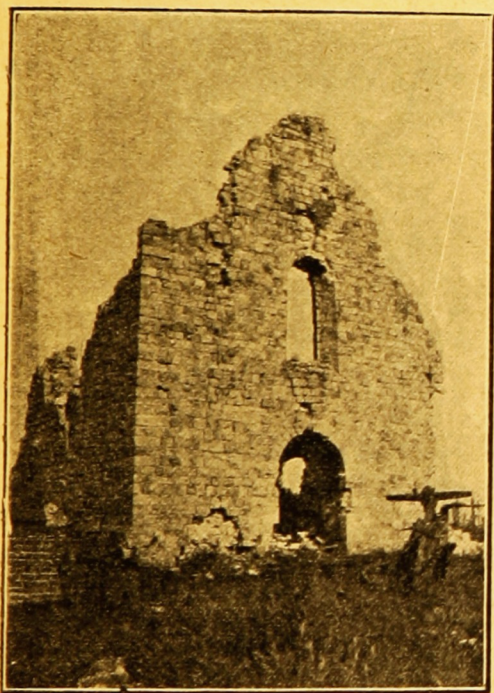
Imagem salva por um soldado nosso e que hoje vela o seu somno final.

«Eu sou a Ressurreição e a Vida!»

É lá na Flandres longinqua, também dormem portugueses. Uma cruz, porque são christãos, vela á sua cabeceira, e é, em nome da Patria continua supplica. E imagens que os nossos soldados salvaram nas derrocadas, illuminam com o seu aspecto venerando a mansão do descanso. Passou pelo sector português o tufão da metralha inimiga. A linda povoação de X... foi arrasada. E nessa paisagem de horror, entre os escombros, feitas as casas montes de caliça, derrubados os templos, até, ficou erguida, a Cruz do Senhor. Uma grana-da allemã, proxima parenta das que tem despedaçado os monumentos da arte, veio cra-



Aspecto da povoação destruida, onde estão agora as nossas linhas. Vê-se, entre os escombros, a Cruz imune da bala allemã, reproduzida na primeira pagina.



Ruinas de uma capella, no sector português

var-se-lhe no pé. Mas não explodiu. E é com os olhos fitos nessa dolente imagem do Crucificado, que tem adormecido no Senhor os soldados portugueses!

Como é commovente o quadro! Não tem a paleta tons para lhe fixar o arroubo, a grandiosidade, e a lingua não encontra termos, não possui palavras para descrever-lhe a epica majestade!

Dia de lucto e lagrimas. Mas a consolação derrama-se, como oleo suave em nossas almas. Só os materialistas, os atheus, podem desesperar e arrepelar os cabellos, rai-vosos, ao pé do sepulchro. Para nós, não, que na lousa tumular escrevemos: Creio na Vida eterna; Heroes, vivei em Deus!

Suave como o aroma do incenso, erga-se até o conspecto do Senhor a voz da nossa oração. Que a misericordia supere as miserias dos nossos irmãos que a morte ceifou. Que a luz eterna raiando venha a suas almas, e que ellas subam até o logar do descanso. E se a morte a todos, mais ou menos nos enlucta continuamente, a todos nos enlucta a morte do soldado que por nós morreu, que

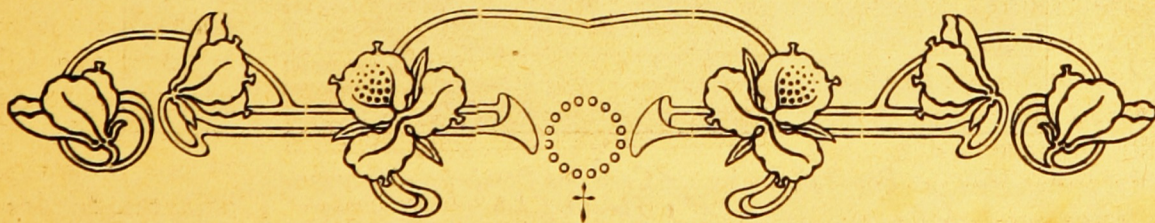
é nosso, que é da Patria. Rociem-lhe a campa as nossas preces, e as palmas immortaes que as adornam, não signifiquem só o preto ao valor, mas a crença, também na immortalidade das almas. Que essa palma seja na terra raspada das balas allemãs a expressão symbolica d'esta oração, tão frequente nos tumulos das catacumbas:

VIVAS IN DEO!

2 de Novembro de 1917.

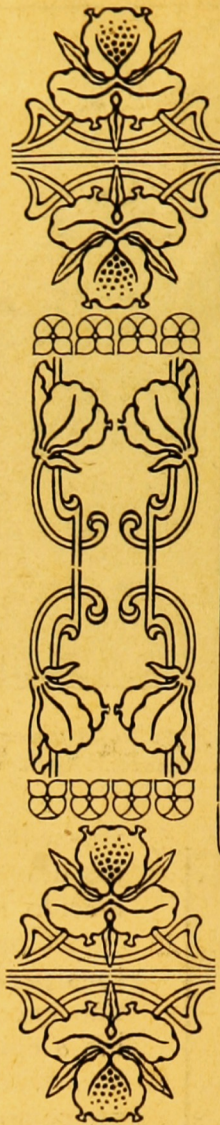
(Phots. de um official expedicionario)

J. Ribeiro Coelho.



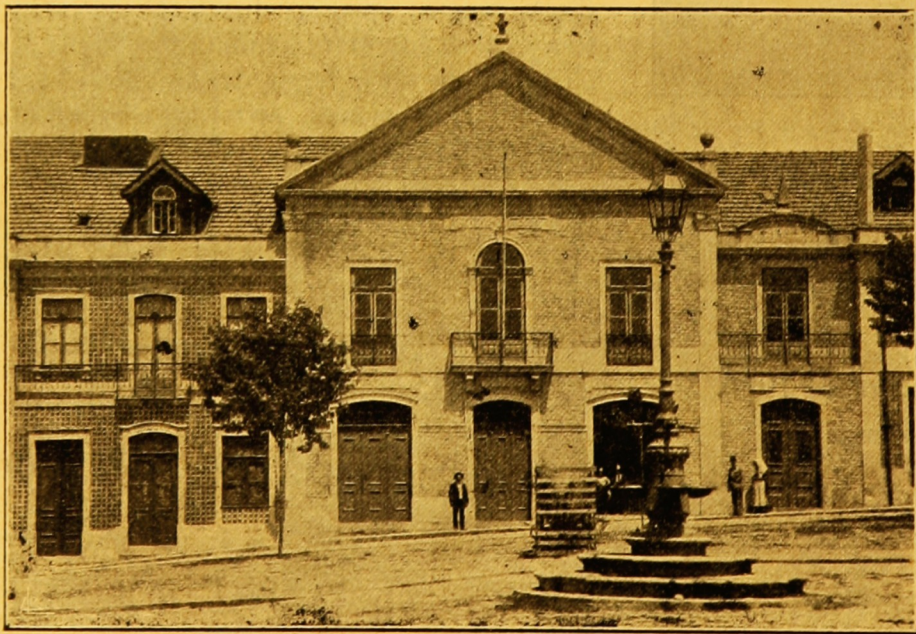


Alferes Antonio d'Abreu e Mello em França



*Alferes Abreu e Mello e sua esposa
ultimamente assassinado em Braga*

VILLAS DE PORTUGAL

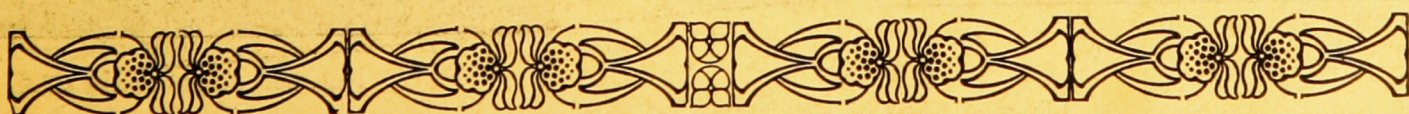


*Pova de Lanhoso. — Casa dos Bombeiros Voluntarios
e Theatro Club*

ARTE BRACARENSE



«Ecce Homo». Primorosa salva de prata cinzelada nas oficinas do sr. Antonio Casimiro da Costa, Filhos



SAPADORES MINEIROS



Exercícios de tiro



O quartel de Sapadores Mineiros em Lisboa



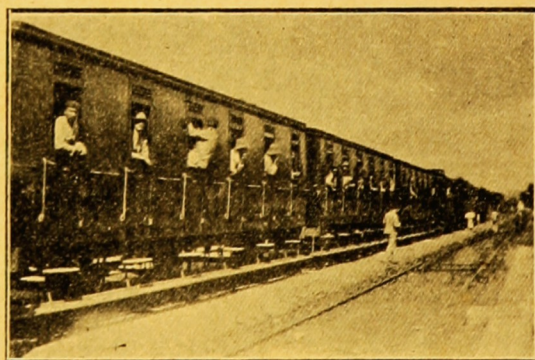
Exercícios de ataque



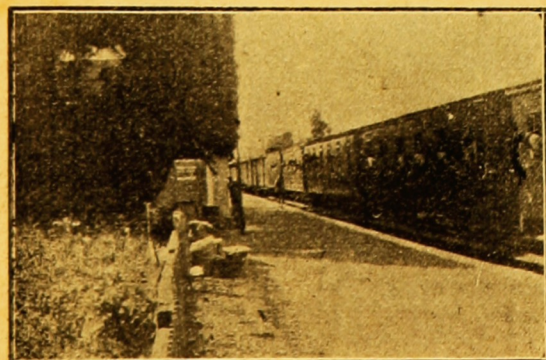
Antes do embarque. A contagem dos cabos



A oficialidade antes do desembarque



*Na estação de Caxias
Um comboio de praças
do 33 para Lisboa.*



*O embarque
do reforço de sapadores
para África.*



A entrada para o «Lourenço Marques»



Phots. José Joaquim Ferreira Mendes.

QUADROS

XI

A' ex.ma senhora
D. Maria da Camara Leme

De que morreu?

○○○○○

Ella ergueu se, tão branca, tão gelada
Como a filha, bem hirta no caixão,
Tendo nos olhos t.do o coração,
E no sorriso a alma desvairada.

Ergueu-se muda, livida, esmagada,
A responder a algum, a um bom chri tão,
Que na d'ella poisava a sua mão,
D'olhos postos no gelo da finada.

—De que morreu, senhor?...—Por fim replica—
De que morreu a pobre?... O senhor come...
Tem familia... tem pão... tem casa rica...

E a minha filha quasi não tem nome...
De que morreu?... Do mal que mortifica
Quem ama e quem tem fé: morreu de fome

José Agostinho.

Mãe!

○○○○○

Deixa que poise a minha fronte afficto,
Cansada, na brandura do teu seio;
E se ella te pesar, pois que é maldita,
Perdôa, pelo Céu! por seu anseio!

Foi-se-me, cedo, a aurora... E logo veio
a noite, em treva lobrega, infinita!
E que! n'um mar revolto, meio a meio,
minh'alma, a desvairar, braveja e grita!

Canso. Canso. Ninguem me obriga... — Mãe!
possa em teus braços meu coração morto
tornar á vida que lhe reuba alguém!

Mes se fa dansa o meu pezar insano,
deixa me só! que eu toparei um porto,
um leito—sob as vagas do oceano!

Creslo—Ccura.

Teixeira Pinto.

Sonetos do passado e do presente

(Com as rimas do bello Soneto do
sr. J. de Faria Machado, publicado
na pag. 179 desta revista.)

I

Alguem diz mal da vida de casada;
Mas para ella não ha vida assim.
E julga ouvir em cada madrugada
vibrar o som dum festival clarim.

Nunca do esposo que dizer tem nada,
E' o braço della, o seu amor, emfim.
Que mais deseja, amando e sendo amada?
—Deus queira que esse amor não tenha fim!

De longe em longe chegam-lhe lembranças
Da mocidade: romarias, danças...

—Pois não se mette agora em taes sarilhos,

Embora seja folgasã; porem,
Quando tais coisas inquieta-la vêm,
Para as banir, põe-se a beijar os filhos.

II

Um dia soube a nova má (coitada!)
De que o consorte ia p'ra a guerra, emfim!
Julgou morrer! E ouviu, hallucinada,
Vibrar ao longe um fúnebre clarim.

—De hontem ainda, a bem dizer, casada,
E enviuar, pois vale o mesmo, assim!
Que ha-de fazer sem elle, agora? Nada! —
Tão grande amor e tão amargo fim!

Assaltam-na tristíssimas lembranças:

-- Quem ha-de ser o amparo das creanças,
Lavar as terras e cuidar dos milhso?

Melhor é deixar tudo e ir tambem.—

Mas, infeliz, é duas vezes mãe!...

—Antes mortos quizêra ver os filhos!

15-10-917

Joavelino.

Velhos fazem annos...



FAZEM sim, senhor, como toda a gente. Que em familia festejam acertadamente os seus annos os dois velhotes, isso é ponto delicado, para aqui trazido imprudentemente faz agora um anno.

Não se esgotou o assumpto, é verdade; mas não vale a pena voltar á *vacca fria*: *Quisque rua sentor*; e vamos adiante em boa paz, que nós já allingimos a idade para a reforma, e não é bem que os de galão branco armem em combatentes *no front* como agora se diz.

—Para que ha de então vir á gazeta semelhante ninharia? se não querem festa calem-se lá os velhos e sigam os novos seu caminho.

--Está bem, mas *hay* que notar: precisamente a festa na familia; e se esta razão não fôr de arromba, valha-nos a da *segunda infancia*, muito para invocar em tais apertos. Além de que, as familias dos dois *sam quasi familias*, por falta de netos que festejam os avôsinhos. Não sei se vêem bem, como dizia o outro.

Por fim venha a ultima razão da nossa commemoração gazetal, razão positiva e intrínseca: E' para que o mundo saiba que dois velhos de feição estão ahí á bica do seu anniversario natalicio, por estes dias. E não é ahí num dia vulgar, se não o mui festivo de si e mui alegre dos santos Apostolos *Simão* e *Judas*, dia de magustos e folgança cá pela minha terra. Accresce este anno novo motivo de regosijo e exhibição da gente velhota.

O mais *mocinho* dos dois arredonda os seus *setenta*, entrando assim de pleno direito na alta e nobilissima classe dos *septuagenarios*; o outro todo ufano, perfaz nesse dia os seus *setenta e cinco*: Como quem diz, $\frac{3}{4}$ de século, ou sejam tres 25 annos, acumulados aprumados á espera da cúpula do anno *centésimo*!

A' maneira dos *Titans* que por birras com Saturno (astro que foi) atiraram com o monte *Telion* sobre o *Ossa* para escalar *Olympo*?

Outro *olympo* demandamos nós, os dois velhosromeiros da vida, o qual não levaremos á escala vista jogando com os mortos, bem que esteja escrito: *Regnum cadorum vim persitur, A viv lenti rapiunt illud*.

Orem por nós as boas almas para que do alto o Senhor nos estenda a sua mão, para não tropeçarmos no caminho,

E até outra vez.

M. C.

Anecdotas historicas

Ditos e pensamentos

Ante as pernas



Ophilosopho thebano Pelopidas desprezava as riquezas. Os seus amigos aconselharam-lhe que guardasse o dinheiro que auferia, que aferrolhasse o ouro.

Pelopidas apontou para um menino que estava estendido numa rua de Thebas e disse-lhes:

—Segundo o meu entender são mais precisas aquelle as pernas do que a mim o dinheiro.

Pagar ao crédor

Os athenienses lançaram um tributo geral para fazerem certo sacrificio pelo bom successo de uma guerra e pediram ao philosopho Phocion a quantia em que fôra finto. Respondeu:

—Vergonha teria de dar tal dinheiro sem ainda ter pago a quem ali está.

E apontou para um credor.

Tito Flavio.

LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29

Telegramas: — **CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapista *Mgr. Kneipp*.

EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.

EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.

EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*

Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

OFFICINAS

—DE—

Esculptura em Madeira

—E—

PINTURA

Teixeira Fanzeres

RUA DO SOUTO 134—BRAGA

N'estas conhecidas officinas, executam-se com a maxima perfeição, imagens desde a miniatura ao tamanho natural. Esculpturas com magnifica pintura. Tem sempre em deposito um variado sortido de imagens, bem como banquetas, douradas, belas automaticas, jarras, sacras, sanctuarios, crucifixos e outros artigos religiosos. Encarrega-se em todo o paiz de altares, tribunas, decorações em qualquer estylo, e de todos os trabalhos pertencentes a este ramo d'arte.

Perfeição e nitidez em tudo

Preços modicos

Contra riscos de guerra terrestres e marítimos, grêves, tumultos e roubos. segura a *Companhia Luzo-Brazileira de Seguros*

SAGRES

Séde — Lisboa, Largo S. Julião
19-2.º — Tel. C. 2961. Banqueiros: Pinto & Sot.
º-Maior. — Agente em Braga, Amares, Povo
de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

José de Faria Machado

Rua do Souto 105-1.º BRAGA

Luneta de Ouro

Officinas de esculptura, encadernação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagens, paramentos Harmoniuns, oculos, pincenez, binoculos, cutelaria, optica e artigos de phantasia.

Aurelio Monteiro & C.^a

Rua do Ouvidor, n.º 123

Caixa postal 1588—RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«*Illustração Catholica*» vende-se nesta casa,
Numero avulso 300 rs. (moeda braz leira)

Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos; com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos «Echosdo Minho», e officina de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com maxima rapidez, perfeição, e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.^e Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA